

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2013

Patrocinador oficial
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 400 exemplares
Depósito Legal: 366919/13
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



A TORRE DE ANTO NA HISTÓRIA DAS MURALHAS DA CIDADE DE COIMBRA À LUZ DAS NOVAS EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS

Susana Temudo / Arqueóloga responsável pelos trabalhos científicos e de acompanhamento / susanathemudo@gmail.com

Luísa Maria Silva / Historiadora de Arte no Gabinete para o Centro Histórico da Câmara Municipal de Coimbra /
luisa.silva@cm-coimbra.pt

RESUMO

Apresentação dos resultados arqueológicos auferidos da intervenção realizada na Torre de Anto, no âmbito da sua reabilitação para a instalação da *Casa-Museu da Guitarra do Fado de Coimbra*, promovida pelo Gabinete do Centro Histórico da Câmara Municipal de Coimbra, e na qual se identificaram vários elementos que permitem um novo contributo informativo na história das muralhas da cidade.

ABSTRACT:

Presentation of archaeological results from the intervention in Anto Tower, in the framework of its rehabilitation works for the installation of *Casa-Museu da Guitarra do Fado de Coimbra* (House-Museum of Fado de Coimbra Guitar, promoted by the Office for the Historic Core (Coimbra City Council)), in which several elements were identified, enabling an all new informative contribution to the History of the City Wall.

INTRODUÇÃO

Todas as histórias locais são produtos dos vários contributos que vão surgindo ao longo dos tempos, independentemente das fontes informativas. Deste modo, a história da cidade de Coimbra não será diferente, na medida em que, sendo ela um local de excelência no panorama nacional, nomeadamente quanto ao seu registo arqueológico, neste breve artigo pretende-se acrescentar mais alguns pontos à discussão/estudo sobre as “muralhas” da cidade, à luz das novas evidências arqueológicas encontradas no âmbito da intervenção decorrente da implementação do projeto de Reabilitação da Torre de Anto, para a instalação da Casa-Museu da Guitarra do Fado de Coimbra.

Estas novas informações resultam das várias sondagens efetuadas junto das suas fachadas (exceto alçado Norte) em conjunto com as informações obtidas da leitura dos seus paramentos.

SINOPSE HISTÓRICA

Parte integrante da muralha de Coimbra, a Torre de Anto integra um vasto conjunto de edificações que constituíam a cidade fortificada, tornando-a num local seguro e protegido de qualquer tipo de ataque. Juntamente com a Torre da Contenda, protegia as portas de Almedina e a Nova, bem como a judiaria que se encontrava no morro uns metros abaixo.

De acordo com as fontes históricas e bibliográficas, sabe-se que esta torre encontrava-se adossada ao pano de muralha que delimitava o então centro urbano. Atribui-se a sua construção ao período medieval, embora aquando das invasões das tropas de Fernando Magno (século XI) a Torre de Anto já estava construída, pois surgem referências específicas nos relatos da época.

A Torre de Anto sofreu várias intervenções de restauro ao longo das eras, a destacar as ocorridas no período moderno, com as reconversões das várias torres defensivas a partir do século XV, em residências. Nesta altura, vivia na torre Martim Domingues,

Prior do Ameal, que a emprazou, aí vivendo ainda em 1514, como consta do texto do contrato celebrado entre o Licenciado João Vaz e Bastião Gonçalves (Silva Gaio, 1943, p. 134).

Nos inícios do século XVI deram-se grandes transformações nesta torre, abrindo-se/reformulando-se as janelas de arco quebrado dos três pisos inferiores, dando-lhes vãos mais largos (onde anteriormente existiam seteiras).

Nos finais da centúria de quinhentos, o lanço da muralha desde a Torre de Anto à Porta Nova foi ocupado pela construção do Colégio de Santo Agostinho, servindo-lhe uma parte como embasamento, sendo grande parte da muralha desmantelada e reutilizados os materiais. Não é de colocar de lado a hipótese da existência de mais torres neste espaço, pois encontrava-se a uma cota mais baixa da maior parte da muralha, sendo importante proteger naquela zona a judiaria bem como, e mais importante ainda, o Mosteiro de Santa Cruz.

No século XIX a Torre de Anto sofre novas alterações, sobre a alçada do mestre António Augusto Gonçalves, com a reformulação e abertura das janelas geminadas na fachada orientada para a rua de Sub-Ripas, sendo ainda o caminho do adarve alterado, com o rebaixamento do muro exterior. Foi acrescentado um piso rematado por um telhado de quatro águas de beirado triplo e uma chaminé de dimensões exageradas.

O seu nome atual deve-se ao facto de nela ter habitado o poeta António Nobre enquanto estudante na cidade, nos finais do século XIX, sendo igualmente conhecida como a torre do Prior do Ameal (Silva, 2003).

Posteriormente e apesar de ter sido classificada por decreto nº 26 141, DG, I Série, n.º 287, de 10 de dezembro de 1935 como Monumento Nacional, continuou a funcionar como residência, tendo a 21 de outubro de 1965 sido doada à Câmara Municipal de Coimbra, pelo proprietário João Rodrigues da Silva Couto, sendo à época o Dr. Joaquim Moura Relvas presidente do município. Na escritura surgia então a seguinte descrição da torre: *“umas casas de rés-do-chão, primeiro andar e sótão, com passadiço, que confronta de nascente com a dita rua (rua de sub-ripas), de poente com o quintal de António Xavier Perestrela Corte Real e irmão, e do norte com o Doutor Pimentel das Caldas e do sul com as casas dos meninos Perestrela”*. A partir desta data e após a saída do último inquilino, que em 1967 teve ordem de despejo por ter as

rendas em atraso, o município foi dando várias utilizações ao espaço.

A 26 de novembro de 1968 encarrega o Arq. António Ribeiro Patrício Proença Madeira de Portugal de fazer um estudo de recuperação e integração da Torre de Anto nas suas linhas primitivas, tendo então os antigos Serviços Culturais da Câmara promovido a recuperação.

Em 1974 foi ocupada pela Comissão de Moradores da Freguesia de Almedina de Coimbra e, em abril de 1979, é inaugurada Casa de Artesanato, a qual esteve até ao seu encerramento em dezembro de 1995. Desde então permaneceu encerrada até ao início da presente recuperação e estudo, esperando-se a sua abertura ao público como Casa Museu da Guitarra do Fado de Coimbra, onde serão apresentadas à cidade as guitarras oferecidas por Carlos Paredes ao município.

CARACTERIZAÇÃO ARQUITETÓNICA

De inquantificável valor histórico, a Torre de Anto assume-se na historiografia da cidade como um dos últimos testemunhos da história militar de Coimbra. Detentora de uma diacronia cronológica extensa e durante a qual sofreu várias alterações, embora sem que por isso ocultassem na totalidade a sua primitiva função, depreende-se que este imóvel caracteriza-se por ser um edifício espacial vertical, de planta retangular, edificado em alvenaria de pedra calcária e encimada por uma chaminé paralelepípedica junto do ângulo SE, rematada por um telhado de quatro águas, composto por telha de meia-cana e beiral triplo.

Nas suas fachadas apresenta vários vãos com tipologias e cronologias diferentes, distribuídos ao longo dos quatro patamares de forma irregular e que lhe permitem a atual imagem habitacional, e interligados por uma escadaria de madeira em caracol e posicionada no canto NE.

Junto da fachada S, apresenta uma escadaria em cantaria a anteceder o portal de entrada na Torre, inserível nas cronologias quinhentista, e que ocultou o prolongamento do adarve existente entre esta e o Palácio de Sub-Ripas. Igualmente junto da fachada N contém uma escadaria em cantaria, com corrimão e guarda metálica, que permite o acesso às traseiras dos prédios existentes a N e a O do colégio de Santo Agostinho, assim como aos dois “espaços verdes” existentes a SO da Torre, distribuídos por dois patamares desníveis e divididos por um muro em betão.

O DISCURSO ARQUEOLÓGICO¹ E A CONSTRUÇÃO DE UM NOVO RELATO

Pela contextualização apresentada conseguimos depreender que muito se diz da Torre de Anto, mas na realidade pouco se sabe. De facto, sobre este monumento singular, adormecido na colina NO da cidade e posicionada no alinhamento da cerca medieval, escondiam-se várias reminiscências históricas que com a presente intervenção foi possível evidenciar todo um conjunto informativo que atesta a sua longa vivência desde o momento da fundação até à contemporaneidade.

Os trabalhos arqueológicos comprovaram a presença de níveis estratigráficos que apontam a ocupação do local desde o século IV d.C. até meados do séc. XX. Destes últimos atestou-se a presença de uma antiga estrutura associada ao jardim que outrora caracterizou o patamar subjacente aos paramentos S e O da Torre, e documentado na cartografia da cidade de 1872-73, da autoria dos irmãos Goullard (Fig. 4). Ainda contemporâneos desses achados, embora cronologicamente anterior, na zona fronteira da torre, detetou-se a presença da antiga calçada de seixo cartografada na carta de Izidoro Baptista (1834), assim como o antigo vão situado no alçado N da torre e seu conseqüente corredor de acesso. Uma estrutura importante, na medida em que ela própria marca a presença do adarve e conseqüente posição do alinhamento da muralha para N. Aliás, uma evidência documentada no interior da torre ao nível do piso 03 e correspondente ao anterior nicho da casa de banho (alçado S), e atestada no exterior no encontro do cunhal da fachada S com a E.

Recuando mais um pouco, foram igualmente identificados depósitos estratigráficos de época moderna, nos quais constavam inúmeros fragmentos de cerâmica de carácter doméstico, a destacar os fragmentos de faiança de produção coimbrã, entre outros de produções de Vila Nova ou de Lisboa (?). Cerâmicas que atestam a funcionalidade palaciana da torre e que nos permitem colocar essas vivências em pleno séc. XVII, sendo possível recuar até ao séc. XV/XVI. Contudo se estes contextos arqueológicos permitem assegurar a dimensão civil da Torre, os mate-

riais integráveis nos espólios cerâmicos medievais (Séc. XI-XII) de uso doméstico marcado pela presença de panelas, potes e algumas tigelas, poderão apontar para a presença de uma “guarnição” militar. Para além desses, não podemos esquecer a presença de uma pequena candeia de câmara aberta que tipologicamente nos permite inseri-la no séc. VIII/IX, embora nos contextos peninsulares apenas surja no último terço do séc. XII, com os Almoadas (Gomes, 2009, p. 71).

Por último, teremos a presença dos contextos inseríveis no período alto-medieval e que destacam a fundação da torre. Destes exumaram-se vários artefactos cerâmicos de construção e de cerâmica comum, a destacar a presença de um bordo de cerâmica fina de um pote e a presença de um numisma do período do baixo-império romano atribuível ao império de Constâncio II - Juliano Augusto (355-361 d.C.) (Fig. 5).

Da leitura dos paramentos interiores e exteriores do monumento, pôde-se registar a existência de vários elementos arquitetónicos que marcaram a sua evolução desde a fundação até ao presente, ainda que com algumas interrupções temporais que o registo arqueológico não conseguiu clarificar.

Do período fundacional observaram-se vários blocos pétreos de talhe romano, sendo as duas primeiras pedras fundacionais pertencentes a uma cornija (Fig. 6), sugerindo o seu aproveitamento de um edifício de grande imponência. Silhares embutidos no afloramento rochoso, sobre o qual assentaram outros de diferentes dimensões, aparelhadas e dispostas ligeiramente de forma desordenada. Posteriormente a esse teremos então um tipo de aparelho construtivo de características medievais, com a colocação de elementos defensivos típicos da arquitetura militar, com a presença das seteiras de grande dimensão no interior da torre ao nível do piso 02, assim como outras sitas a uma cota superior (piso 01) e de dimensão inferior, aparentando, exteriormente, corresponder a pequenos rasgos verticais, sugerindo a ideia de estarmos perante frestas encimadas pelas ameias e merlões, e, aparentemente, em conexão com umas estruturas que se assemelham a “goteiras”. Para além destes elementos, contam-se algumas siglas de pedreiro, estando entre elas alguns exemplares constantes na Torre de Almedina e na Sé Velha de Coimbra.

Mas, se exteriormente se detetaram elementos que nos permitem definir algumas das temporalidades

1. Refira-se que os resultados aqui apresentados resultam de uma primeira análise, encontrando-se a investigação ainda em curso, reservando-se para futuro uma apresentação mais detalhada.

da torre, no interior esse balizamento não foi tão expressivo.

Interiormente, conforme mencionado, a torre divide-se em quatro pisos, sendo que todos eles apresentaram diferentes características arquitetónicas não só quanto ao tipo de aparelhos construtivos, mas também relativamente à distribuição e funcionalidades dos espaços.

A abertura das janelas em pleno séc. XV permitiu a transformação e organização do interior da torre. Pelo que das estratigrafias analisadas, depreendeu-se que a sua divisão terá ocorrido em vários momentos cronológicos, tendo chegado até aos dias de hoje o que se acredita ter sido, maioritariamente, a divisão ocorrida no séc. XIX/inícios do séc. XX, apesar de algumas técnicas construtivas permitirem a possibilidade de alguns alçados terem sido erguidos na centúria de setecentos. A destacar o aparelho posto a descoberto nos pisos 02, 03 e 04, que se caracterizou por ser do tipo “gaioleiro”. Uma espécie de aparelho em tabique, de estrutura principal composta por vários barrotes de secção quadrangular, dispostos na vertical e outras de espessura inferior colocadas perpendicularmente formando uma espécie de “gaiolas” de formato retangular, preenchidas por uma pregagem em fasquiado de madeira, revestido por argamassa de coloração alaranjada com fragmentos de chacota (Fig. 7). Um tipo de construção utilizada no período posterior ao pombalino e que contrastou com a técnica utilizada no último andar – tipo “costaneiras”, de fasquiado em madeira e revestido por argamassas cimentícias. Ao que parece ser seguro dizer, que o mesmo poderá ser atribuído à reformulação ocorrida aquando da instalação da Casa do Artesanato (1979-1995), ainda que apresente uma técnica construtiva de tradição arcaica.

Por último, relativamente ao piso 03, refira-se a presença do pequeno troço parietal da parede N, localizado na área de implantação da escada interior. A única parte de paramento idêntico ao evidenciado nas paredes interiores da torre ao nível dos pisos 02 e 03, uma vez que as restantes revelaram uma alvenaria miúda erguida em pedra colmada por argamassa em cal e correspondente ao acréscimo efetuado no século XIX.

Este pequeno troço (Fig. 8), em alvenaria de pedra com aparelhamento pseudo-isódomo e semelhante ao existente em toda a torre, acredita-se que será uma das reminiscências do que outrora correspondeu ao topo da torre. Caso contrário, este não estaria

alinhado pela sua face interior nos pisos inferiores, bem como pelo cunhal existente no piso 03 e que marca a saída para o adarve na fachada N.

Ainda em relação ao piso 04, importa referir a presença da escadaria em caracol (comum nas construções do período gótico) composta por degraus com pedra talhada, com espelho em “focinho”. Por certo uma das reminiscências da transformação ocorrida no séc. XV.

Em suma, com os novos dados obtidos da intervenção arqueológica, é possível acrescentar algumas considerações relativamente ao que se conhece da edificação da cerca medieval de Coimbra.

Diz-nos o registo arqueológico que no séc. IV a torre já se encontrava edificada. A presença do numisma em contextos selados e atribuíveis ao império de Constâncio II – Juliano Augusto (355-361 d.C.) é relevante, pois sabemos que a cidade, nos finais do séc. III/inícios do séc. IV terá sofrido uma refortificação durante o tempo do imperador Constâncio (Alarcão, 2008, p. 252). Por outro lado, não esqueçamos a presença dos silhares romanos embutidos na base fundacional da torre. Um aproveitamento corrente no baixo-império e documentado em várias cidades da altura, nomeadamente na vizinha cidade de Conímbriga.

Todavia a presença desta torre já no séc. IV atesta o defendido por J. Alarcão ao inserir a torre de Anto no perímetro da cerca urbana de *Aeminiun*, com base na hipotética distância entre torres atribuída para o baixo-império. Obviamente que as muralhas desse período apresentam disparidades quanto a essas distâncias. Apesar de ser comum os 20m, como refere Alarcão em Angers (França), a distância média é de 50m, sendo a de Conímbriga de 20 a 25m (Alarcão, 2008, p. 259). No caso presente, a torre dista da Contenda cerca de 47m, a qual se afasta de Almedina aproximadamente 53m. O que sugere uma certa consistência no controlo do paramento da muralha. No entanto, o facto de estarmos perante algo que nos parece fiável, a verdade é que pouco sabemos acerca das outras duas torres. Pela análise dos seus paramentos atualmente visíveis, a Contenda, à primeira vista sugere um tipo de aparelho mais tardio e diferente no que concerne ao talhe e disposição dos seus silhares, relativamente ao constante naquele que se interpretou como sendo o primeiro patamar de construção da torre de Anto, e sobre o qual assenta uma hipotética segunda fase assinalada, à cota visível, pela presença dos cunhais de pedra calcária branca.

O primeiro momento correspondente à fase fundacional (agora ocultado pelas terras do patamar inferior) denunciou a utilização de pedra que encontramos semelhanças com a existente em Almedina, ao nível da base do designado setor B do alçado ocidental e setor A do alçado oriental (Alarcão, 2008, pp. 232 e ss). Embora no caso do alçado ocidental somente quanto ao tipo de pedra e não relativamente ao seu aparelho construtivo, uma vez que o mesmo aparenta ser um exemplar de um aparelho pré-românico, o que ao corresponder efetivamente a essa técnica, contrariamente ao que diz J. Alarcão, a sua construção poderá ser mais antiga, ainda que não muito distante do apontado pelo autor, mas suficiente para justificar a discrepância relativamente ao alçado oriental, apesar do tipo de pedra ser semelhante. O que relativamente à torre de Anto é interessante, pois este alçado é o que mais se assemelha! Efetivamente, as três primeiras fiadas de pedra existentes na fachada S apresentam uma disposição organizacional que temos a certeza que será contemporânea do séc. IV, e que nada tem em comum com o que se passa estratigraficamente acima, a qual poderá corresponder a uma reformulação ocorrida posteriormente e da qual não temos certeza quanto à cronologia.

Se tivermos em conta o corte existente ao nível da fundação, este sugere um rearranjo desta estrutura e o qual se acredita corresponder à cota dos cunhais de pedra calcária branca. Um tipo de pedra que nada tem a ver com a denominada pedra de Ançã nem com o calcário dolomítico presente em todos os edifícios medievais da cidade, tais como na Sé Velha, Mosteiro de Santa Cruz, Igreja de S. Salvador, de S. Tiago, Torre de Almedina, Torre da Contenda, etc. É um tipo de calcário que conseguimos encontrar em Almedina, na base do cunhal do alçado oriental que J. Alarcão refere como sendo fruto da reforma fernandina (2008, p. 234). Ou seja, séc. XIV. Uma cronologia que não parece corresponder ao que encontramos na torre de Anto.

A presença destes silhares é correspondente, em cota, em todas as fachadas (exceto, por razões óbvias, no alçado virado para a rua de Sub-Ripas) permitindo-nos colocar a questão se não estaremos na presença de uma primeira reforma desta estrutura militar? Pois, para além dos cunhais, essa cota é consistente com o topo do adarve encontrado junto do alçado S, assim como também parece coincidir com o topo do piso encontrado no interior da torre

ao nível da cave (04) (embora esta cota possa estar alterada, uma vez que se acredita que este último piso poderá ter sido desaterrado num momento posterior ou contemporâneo da abertura da janela). Uma espécie de argamassa muito compacta, com pedra calcária e associada ao tipo encontrado no castelo de Coimbra, cuja fundação se acredita remontar ao séc. IX (Duarte, 2005, pp. 94-95).

A aceitar esta opção, teríamos uma torre com mais de 8m de altura, composta por blocos de pedra talhada que nos sugerem um formato quadrangular, rematados pelos cunhais de pedra branca associada ao talhe romano. Um tipo de aparelho ao qual não conseguimos atribuir qualquer tipo de nomenclatura, uma vez que ele não se insere nas tipologias apontadas para os períodos contemporâneos ou posteriores ao séc. IX.

Historicamente sabe-se que a invasão sueva, a partir de 409, acarretou vários tumultos na península ibérica. Coimbra terá sido atacada pelos suevos em 465, a propósito de uma contenda com o conde Egídio, sendo dois anos depois, em 467, a vizinha Conímbriga, culminando a invasão com a ocupação de Lisboa em 469 (Idácio, 1982, p. 47). Um período conturbado que acarretou constantes reformulações das estruturas defensivas, promovida pela instabilidade entre os suevos e esbatida pelo processo de sedentarização dos povos bárbaros, nomeadamente com a consolidação a partir de 585 e unificação do espaço peninsular sob a administração visigótica (Barroca, 1991, p. 91). Uma estabilidade e desmilitarização que terá contribuído para o rápido avanço da hoste muçulmana em 711.

Imediatamente acima deste nível, temos a presença de um aparelho construtivo que podemos incluir nas tipologias medievais, com silhares mais estreitos e de forma retangular (por oposição à métrica do registado abaixo), sugerindo a presença de um aparelho isódomo, e o qual poderá marcar o segundo momento de edificação, no qual se insere as duas grandes seteiras. Um momento afetado pela abertura das janelas do séc. XV, mas que ainda assim permitem tecer algumas considerações.

Com este aparelho encontram-se paralelos noutras torres da cidade, nomeadamente na da Contenda e Almedina. Para além disso, são paramentos totalmente edificados com calcário dolomítico. Uma presença constante nos monumentos da cidade datados do séc. XII/XIII. O que não quer dizer que esta parte da torre seja efetivamente desta época.

Se seguirmos a cronologia dos tempos históricos, quando Coimbra é reconquistada em 1064 e entregue a D. Sesnando, a torre de Anto já existia. Tanto que a reconquista da cidade ocorreu ao fim de seis meses de cerco (Barroca, 1991, p. 101), o que significa que a cidade se encontrava bem protegida. Não queremos com isto dizer que esta fase construtiva corresponda ao tempo de D. Sesnando, apenas queremos reafirmar a probabilidade da continuidade desta estrutura até ao início do período condal e tempos seguintes.

De acordo com as características encontradas no que do exterior pareciam ser pequenos respiros, na verdade esses corresponderam a antigas seteiras, colocadas no que outrora correspondeu ao topo da torre. Estes elementos militares encontram-se em articulação com as “goteiras”, surgindo sempre duas por fachada e diretamente coroadas pelos merlões e ameias. Que pelas dimensões apresentadas poderão se inserir dentro dos padrões românicos. Uma articulação metricamente ponderada e que não é condizente com as reformas impostas por D. Dinis a partir da década de 80 do séc. XIII até à 2ª metade do séc. XIV (Barroca, 1998, p. 802). No entanto, não poderemos descartar a possibilidade de também ela ter sido alvo de reformulações, uma vez que, em períodos anteriores, a cidade foi alvo de obras militares reais, nomeadamente as atribuíveis a D. Sancho I e concernentes à torre Quinária (1198) e Belcouce (1211) (Barroca, 1998, p. 809). Posteriormente, apenas se conhecem relatos da intervenção de D. Fernando, a propósito do ataque castelhano sob o comando de Henrique II, em 1373 (Coelho, 1992, p. 342). Uma investida que causou bastantes danos, nomeadamente a destruição da judiaria velha, localizada logo abaixo (Temudo & Almeida, 2012). Altura em que empreende uma série de reformas, tal como a ordem para a construção da barbacã (Coelho, 1992, p. 336) e nomeadamente a última grande alteração na torre de Almedina. Pelo que fica assim a dúvida se o último momento da torre de Anto corresponde a uma hipotética intervenção anterior a D. Dinis ou quiçá da autoria de D. Fernando?

Assim, por tudo o que se acabou de descrever, esperamos que estas novas informações, contribuam para a discussão das “muralhas” de Coimbra, acreditando igualmente que a continuação do estudo aprofundado da torre de Anto, possa trazer outras mais informações que auxiliem na compreensão da evolução da cerca da cidade.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, J. (2008) – *Coimbra: a montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

BARROCA, Mário (1991) – Do Castelo da Reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a XIII). *Revista Portuguesa*, 1990-91. Porto. Nova série. XI-XII, pp. 89-136.

BARROCA, MÁRIO (1998) – D. Dinis e a Arquitectura Militar Portuguesa. *Revista da Faculdade de Letras: História* Porto. Série II, Vol. XV, n.º 1, pp. 801-822.

COELHO, M. H. da Cruz (1992) – Coimbra Trecentista: a cidade e o estudo. *Revista Biblos*. Coimbra. LXVIII, pp. 335-356.

DUARTE, Berta (2005) – Coimbra, Cidade Muralhada. *Arquivo Coimbrão*. Coimbra. XXXVIII, pp. 93-108.

FERNANDES, Isabel (2006) – *Reis e Rainhas de Portugal*. Lisboa: Texto Editores.

IDÁCIO (1982) – *Crónica de Idácio, descrição e invasão da Península Ibérica pelos Suevos (séc. V); Versão e apontamentos de José Cardoso*; Braga: Universidade do Minho;

TEMUDO, S.; ALMEIDA, S. (2012) – *Relatório Final: acompanhamento arqueológico e escavação arqueológica. Repavimentação e Remodelação de Infra-estruturas da Rua Corpo de Deus e Largo da Capela de Nossa Senhora da Vitória de Coimbra*. Relatório Técnico, policopiado;

TRINDADE, Luísa (2006) – O Paço Sobre a Riba: Histórias de uma Torre na Cerca Coimbrã. *Conimbriga*. Coimbra. 45, pp. 398-436.

SILVA, Gaio (1943) – Sub-Ripas. *Arquivo Coimbrão*. Coimbra. VII, pp.129-174.

SILVA, Luisa (2003) – *Levantamento Histórico-Artístico dos Imóveis da Alta de Coimbra*, Policopiado, Vol. I, Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra.



Figura 1 – Excerto da ilustração da autoria de Pierre Baldi (1669), sendo a Torre de Anto a última à esquerda.



Figura 2 – Colégio de Santo Agostinho e a Torre de Anto.

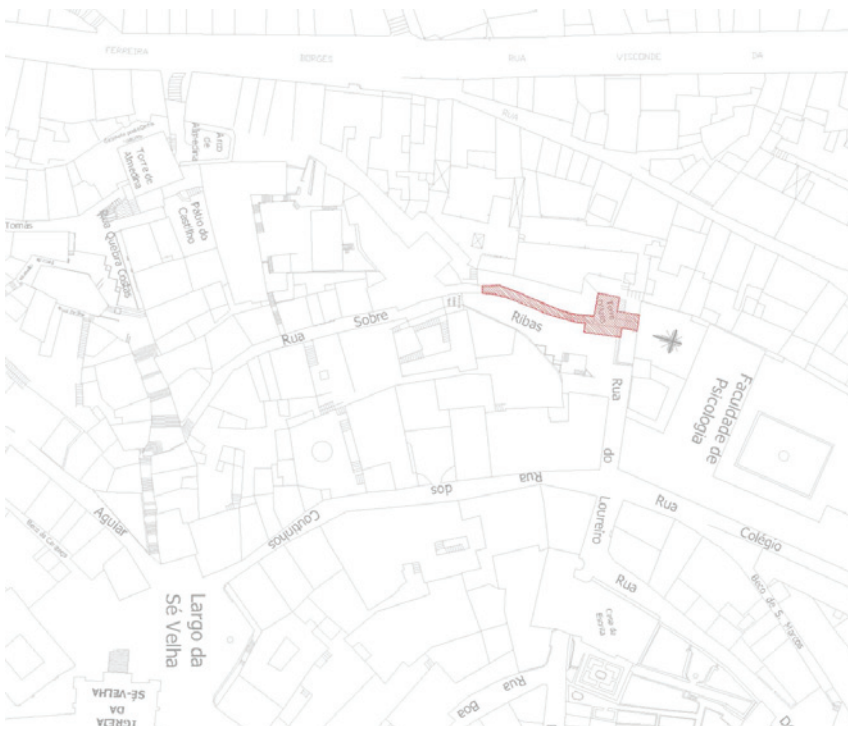


Figura 3 – Área de intervenção.

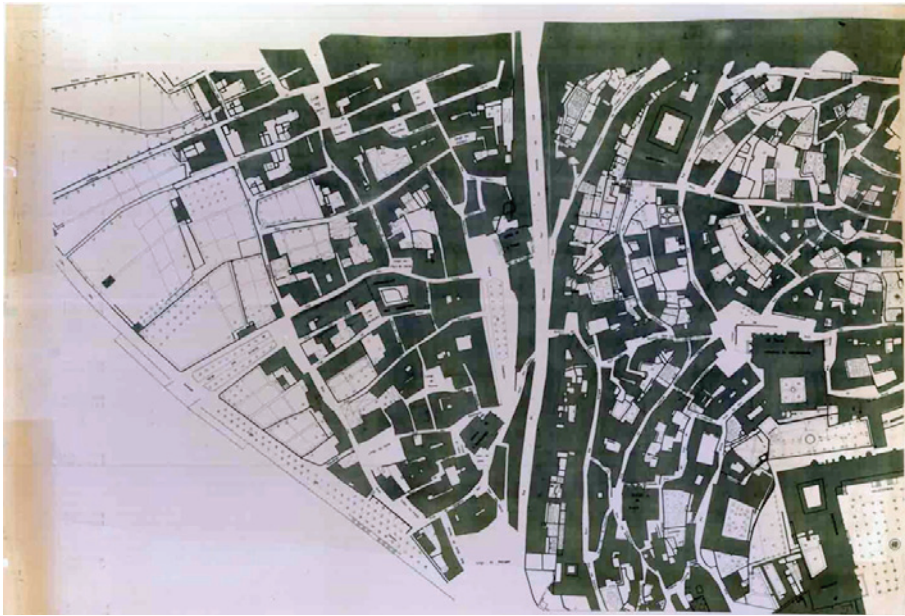


Figura 4 – Excerto da carta topográfica dos irmãos Goullard (1873-74).



Figura 5 – Moeda romana em liga de bronze.



Figura 6 – Pedras fundacionais constantes no alçado S.



Figura 7 – Piso 03: pormenor do aparelho construtivo designado por “gaioleiro”.



Figura 8 – Piso 04: pormenor do troço em alvenaria de pedra em perpianho da fachada N.



Figura 9 – À esquerda o alçado N e O, e à direita o alçado S da torre de Anto, no decurso dos trabalhos de recuperação.



AAP
 ASSOCIAÇÃO
 DOS ARQUEÓLOGOS
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO
Millennium
 bcp

BNP
 BIBLIOTECA
 NACIONAL
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE
 PORTUGAL


 Parques de Sintra
 Monte da Lua